

PENSAR O NEGO-FEMINISMO NA TRADUÇÃO – ENTREVISTA COM TOMI ADEAGA¹

Dennys Silva-Reis [DSR]: Tem alguma experiência com práticas tradutórias feministas? Se sim, poderia relatá-la?

Tomí Adeaga [TA]: Ao longo dos anos, tenho percebido e criticado bastante o modo como a literatura feminina africana é traduzida, por exemplo, em alemão. As mulheres africanas são frequentemente retratadas na mídia ocidental, incluindo a alemã, como subdesenvolvidas, desamparadas, que sofrem o jugo do patriarcado. Essa percepção, junto com a abordagem xenófoba do continente africano, também tem afetado o modo como os livros de africanos e da diáspora feminista africana são traduzidos em alemão.

[DSR]: Acredita que a profissão de tradutor e intérprete é sexualizada? Caso afirmativo, quais poderiam ser em sua opinião as causas e as consequências disso?

[TA]: De certo modo acredito, e isso é indiferente à raça do tradutor ou intérprete. É porque a maioria dos autores já sente que são muito mais importantes do que o tradutor/intérprete. E se tornam ainda mais agressivos quando veem que estão lidando com tradutoras/intérpretes feministas. Mas o que deixam de ver é que o tradutor destrava as portas das línguas e culturas estrangeiras para eles. De igual modo, eles têm uma relação simbiótica, o que significa que um não existe sem o outro. É preciso portanto que um respeite o trabalho do outro.

Uma terceira parte da situação é também o editor. O editor é com frequência aquele que busca e contrata os serviços do tradutor. No entanto, se houver uma falta de colaboração entre eles, o que ocorre se o autor for incapaz de trabalhar com uma tradutora mulher e o livro ainda assim for traduzido e publicado, pode ser necessário retirá-lo do mercado.

¹ Tradução Marcos Bagno (Universidade de Brasília – UnB).

Tomí Adeaga

A Profa. Tomí Adeaga ensina literatura africana no Departamento de Estudos Africanos, na Faculdade de Estudos Filológicos e Culturais da Universidade de Viena, Áustria. É autora de *Translating and Publishing African Language(s) and Literature(s): Examples from Nigeria, Ghana and Germany* (2006). Publicou um artigo intitulado “Problems of Translating two Nigerian Novels into German” in *Acta Scientiarum Journal of Language and Culture*, v. 30, n. 1 (2008). Traduziu a obra *C’était à Tigony*, de Olympe Bhêly-Quénou, como *As She Was Discovering Tigony* (2017). Suas áreas de interesse incluem estudos de literatura africana, diáspora africana e estudos transnacionais, estudos da tradução bem como estudos afro-europeus. Tem acumulado experiência como secretária fundadora do Translation Caucus of the African Literature Association (TRACALA), o African Literature Association Executive Council, e vários outros.

Dennys Silva-Reis

Doutor em Literatura (Universidade de Brasília – UnB). E-mail: reisdennys@gmail.com

[DSR]: Acredita haver uma conexão entre tradução (cultural e discursiva) e gênero?

[TA]: Sim, existe uma conexão entre eles, especialmente se for uma autora que está tentando enunciar as dinâmicas do feminismo em sua cultura e se o tradutor estrangeiro tentar diminuir isso porque não se conforma com sua noção e a noção que sua sociedade tem da sociedade da autora.

[DSR]: Em sua opinião, em que medida, se for o caso, a noção de gênero de uma dada cultura poderia ser traduzida em outra dada cultura?

[TA]: Sempre acreditei firmemente que os tradutores não traduzem simplesmente o livro de um autor, mas também traduzem sua cultura. Se o tradutor não se dispuser a se informar sobre a cultura a partir da qual a obra do autor foi escrita, isso pode levar a traduções falseadas. Por isso é que alguns editores sensíveis enviam seus tradutores não só para conversar com o autor as também para visitar a sociedade que produziu o autor. Isso ajuda a reduzir ou minimizar as possibilidades de mal-entendidos interculturais.

[DSR]: Existe, em sua opinião, uma diferença entre tradução feminina e tradução feminista?

[TA]: Existe uma diferença entre tradução feminina e tradução feminista. Para usar o exemplo africano, eu diria que os tradutores femininos, não importa seu gênero ???, são os que prestam mais atenção ao texto fonte durante o processo tradutório. Tradutores feministas, que têm sido, com base em minha própria experiência, sobretudo tradutores ocidentais. São os que acreditam que sabem o que o autor está pensando e sentem a necessidade de mudar os conteúdos do texto fonte.

[DSR]: Qual seria a importância de traduzir teorias feministas no mundo contemporâneo?

[TA]: É muito importante traduzir diversas teorias feministas no mundo contemporâneo porque isso permite aos leitores ver que não existe nada semelhante a um modelo único para todas as teorias feministas. O que pode ser a norma numa sociedade feminista pode ser tabu em outra sociedade.

[DSR]: Qual a sua opinião sobre tradução e ativismo (intelectual ou outro)?

[TA]: Tradução e ativismo vão de mãos dadas por diversas razões. Uma das razões principais é que a tradução não tem sido levada tão a sério quanto deveria nas últimas décadas. Embora as teorias da tradução tenham se desenvolvido nos últimos séculos, os livros traduzidos a inda não são avaliados sob a mesma luz que os originais. É aí que

entra o ativismo. Um/a tradutor/a desempenha um papel ativo na promoção da obra que traduziu para garantir que não fique juntando poeira nas prateleiras das livrarias.

[DSR]: A circulação de ideias feministas por meio da tradução estimula a emancipação de outros grupos de mulheres?

[TA]: Não diria isso, porque tudo depende do tipo de atividades em que esses outros grupos de mulheres estão engajados.

[DSR]: Acredita que só mulheres brancas podem traduzir mulheres brancas e só mulheres negras podem traduzir mulheres negras?

[TA]: Definitivamente não. Tudo depende da competência do/a tradutor/a, independentemente de sua raça e até do gênero.

[DSR]: Acredita que há homens (feministas ou não) com sensibilidade e aptidão para traduzir textos femininos e feministas? Quais seriam os desafios e as potencialidades envolvidos neste caso?

[TA]: Sim, acredito que há homens, independentemente de raça e de crenças feministas, com sensibilidade e aptidão necessárias para traduzir exitosamente textos femininos e feministas. Os desafios envolvidos são o de estarem dispostos e prontos para trabalhar com os textos e com a autora, se ela estiver disponível. As potencialidades dessas colaborações são tantas que a produção final poderá ser um reflexo do esforço conjunto do tradutor e da autora.

[DSR]: Existem, na sua opinião, agendas feministas compatíveis com políticas e estruturas editoriais? Como buscar alguma igualdade de gênero no campo?

[TA]: Minha opinião é a de que existem, porque há mais escritoras feministas de ascendência africana que estão ativamente comprometidas no campo da tradução e dos estudos transnacionais hoje em dia que não podem ser desconsideradas. A igualdade de gênero dentro desse contexto é portanto mais fácil de conquistar hoje do que nos anos 1960, quando o campo da literatura africana era dominado por autores homens.

[DSR]: Na história da tradução, poucas mulheres tradutoras e intérpretes são conhecidas, muito menos mulheres negras. Conhece alguns nomes? Poderia falar delas?

[TA]: Realmente, há menos mulheres tradutoras e intérpretes porque as mulheres precisam vencer a concorrência com seus concorrentes masculinos. Em termos de África que, como você sabe, inclui não apenas a África subsaariana, também temos

tradutoras e intérpretes dos países do Maghreb: Tunísia, Marrocos e Argélia. Também há outras do Egito. Uma tradutora negra se destaca e seu nome é Wangui wa Goro, uma veterana tradutora queniana que traduziu o autor queniano Ngugi wa Thiong'o' do kikuyu para o inglês há cerca de trinta anos. Ela tem estado na linha de frente da promoção de traduções em línguas africanas no continente africano e na diáspora africana.

[DSR]: Em sua opinião, de quem é a “culpa” (se existe alguma) pela existência de mais traduções da teoria feminista branca divulgada mundo afora?

[TA]: Ponha a culpa no colonialismo na maior parte do continente africano. A adoção das línguas dos ex-colonizadores na maior parte dos países africanos colonizados impediu o crescimento da tradução na maior parte do continente. Com exceção da África oriental, onde o primeiro presidente pós-independência da Tanzânia, Mwalimu Julius Nyerere oficializou o suaíli como língua nacional do país, língua que também é materna no Quênia, língua franca em Burundi, Uganda, na parte oriental da República Democrática do Congo, e em Ruanda; outras partes da África pós-colonial não tiveram essa sorte. Um grande número de línguas locais não têm tradições escritas e, portanto, isso atrasou o crescimento de traduções feitas por mulheres africanas.

[DSR]: A tradução pode contribuir para a revivescência da literatura feminista canônica no campo das humanidades?

[TA]: Sim, pode. Se houver mais mulheres africanas e mulheres negras traduzindo livros escritos por nossas predecessoras, e o resto do mundo em geral, isso contribuirá para a revivescência da literatura feminista como um todo.

[DSR]: Sabe de algum projeto de tradução de feministas não hegemônicas? Em caso afirmativo, poderia nos dizer do que se trata e qual sua função?

[TA]: Não tenho conhecimento de nenhum. Isso se deve ao fato de que, devido ao número reduzido de mulheres africanas e mulheres negras tradutoras e intérpretes, elas trabalham principalmente com tradutores e intérpretes de todas as partes do mundo.

[DSR]: Em sua opinião, projetos de tradução poderiam contribuir para sinergias envolvendo nacionalismo e feminismo simultaneamente?

[TA]: Sim, é possível, ao menos com tradutoras e intérpretes africanas. Em parte porque as feministas africanas trabalham com mulheres do povo e, quando se trata de se agrupar por uma causa feminina, isso torna mais fácil trabalhar juntas e colaborar em vários aspectos.

[DSR]: O que sugeriria para alcançar uma língua menos sexista na tradução?

[TA]: As tradutoras tendem a ser bastante sensíveis ao uso de linguagem sexista na língua fonte. Sempre ajuda trabalhar com o autor (quando possível) para minimizar o uso de linguagem sexista na língua alvo.

[DSR]: Acredita ser possível identificar algumas tipologias textuais relacionadas a gênero? Em caso afirmativo, de que modo? Em caso negativo, por que não?

[TA]: Pela minha experiência na leitura de narrativas do povo africano escritas por ocidentais, ou mais especificamente por ex-colonizadores, existe um padrão no modo como o gênero negro é retratado que é diferente do modo como os negros se retratam a si mesmos.

[DSR]: Qual seria uma boa metáfora para a tradução feminista (negra)?

[TA]: Uma boa metáfora seria a usada pela teórica feminista africana Obioma Nnaemeka: NEGOFEMINISMO, que é tradução NÃO-EGO feminista.

[DSR]: É possível aprender a traduzir o feminismo ou a fazer uma tradução feminista?

[TA]: Além do fato de que o texto fonte dita modo como a tradução é empreendida, também é possível traduzir o feminismo ficando sensível às implicações das palavras escolhidas durante o processo tradutório.